

ENTERROS NO

TEMPO ANTIGO

João Nogueira

Até 1848 aqui na Fortaleza se faziam os enterramentos nas igrejas ou nos seus arredores; e as lapides funerarias, que ainda existem nas paredes do Rosario e da Matriz, bem como as ossadas que se têm encontrado ao lado N. da Sé, são os attestados d'este costume, aliás seguido em todo o Brasil, antigamente.

Mororó, Pessoa Anta, Maximiano e a escrava Bonifacia, executados nesta Capital, foram sepultados na nossa Sé, que ainda servia de cemiterio em 1845 (Paulino Nogueira — *Execuções de Pena de Mórte*, na Rev. do Inst. do Ceará).

Ainda existem no corpo da igreja do Rosario, cobertos pelo assoalho, os compartimentos rectangulares que serviam de sepultura, e é tradição que a senhora do presidente Moraes Sarmento ali tivera um desmaio, em consequencia de exalações cadavericas.

Refere J. Brigido em *Ceará, Homens e Factos* que por este motivo aquelle presidente resolvera fundar o cemiterio do Croatá, para onde passaram os enterramentos em 1848. Tal decisão foi recebida como uma impiedade. Não sabemos ao certo como se compunham os prestitos funebres d'aquelle tempo; sabemos apenas que os enterros se faziam á noite e que os convidados levavam velas accesas, protegendo-as contra o vento, com lanternas de papel.

A proposito de factos remotos, um dos nossos desembargadores contou-nos que no antigo Aracaty os enterros seguiam pelas calçadas, e que, um bello

dia, ali serraram as tibias a um defunto, para que este coubesse no caixão. Eram, em verdade, lugubres essas solemnidades aqui na Capital; mas não tanto quanto as celebres *procissões de penitencia*, que já em 1850 se não faziam mais.

Sahiam alta noite; e de uma dellas se contava que, ao recolher ao Rosario, alguns penitentes se deitaram em frente á porta d'esta igreja, formando uma especie de esteira para que os outros, entrando, os pisassem.

Isto anda á conta de lenda; todavia, é o que ouvimos aos nossos velhos, que já fallavam d'este exaggero como de uma vaga tradição.

Actualmente, a sacramentação *in articulo mortis* se faz tão silenciosamente, que a communitade dos fieis já não toma parte, com as suas orações e votos, neste passo doloroso.

Outr'ora não era assim: ministrava-se o Sacramento a quem estivesse *in extremis*, com um ceremonial cahido em desuso ha cerca de cincoenta annos

Avisado o cura da Sé, logo os sinos da Matriz tocavam ao Santissimo, e a irmandade d'este nome attendia ao appello, fosse a que hora fosse.

De brandões accesos e revestida de opas encarnadas, formava uma procissão, indo á frente um dos irmãos, tangendo uma grande campá.

A' irmandade seguia-se o cura que, debaixo de um pallio, trazia o Viatico, occulto sob rico brocado; e o povo, que sempre acompanhava o Santissimo, cantava em melopéa dolente um Bemdicto especial, em que havia o estribilho — Dai Eucharistia.

Nas moradas por onde *Nosso Pae* passava *fóra de horas* se sentia esse mixto de temor e de esperança a que tambem chamam terror religioso: os adultos rezavam em intenção de quem estivesse *se concluindo* e os meninos tremiam de medo.

O Santissimo nunca voltava pelo mesmo caminho por onde tivesse ido a consolar um moribundo. Era costume.

Algumas vezes sahia a carro; outras, a cavallo; indo neste caso o sacerdote conduzindo uma umbel-la e, á sua frente, tambem montado, o sachristão a tanger uma campainha.

Era de ver o ajoelhar do povo á passagem do Santissimo: ninguem ousava ficar de pé ante Elle.

Tomar *Nosso Pae* era, e ainda é, signal de morte proxima; e, a não ser em casos rarissimos, como o do sr. Alvaro Leal de Miranda, o enfermo volvia á saúde, depois de sactamentado

Assim que se verificava o obito, os sinos da Matriz tocavam a finados, e a cidade inteira sabia, de prompto, quem era que já *estava com Deus*.

Os signaes pelos defunctos foram abolidos em 1878, por que não se affligisse mais a Fortaleza já torturada por tanta secca, tanta epidemia e tanta morte.

Velava-se a porta do morto com um largo panno preto, que tinha ao centro uma grande cruz amarella; e o Mestre Rosa, sempre corado e risonho, era quem armava as camaras ardentes.

Os convites de enterro, que se adquiriam na Livraria Oliveira, eram impressos em larga folha de papel tarjado, com figuras e dizeres bem accordes com o sentir do tempo.

Em baixo da pagina via-se um cemiterio e uma sepultura com a letra - *Aqui jaz*—, e logo ao lado um homem e uma mulher chorando ajoelhados.

Ainda em baixo e em plano mais afastado, um montão de ruinas: columnas derrocadas, sceptros, corôas e outros emblemas de poderio e de vaidade espalhados, em desordem, pelo chão.

A Morte, representada por um esqueleto humano, brandindo a sua foice, que tudo corta, dançava e ria sobre aquelles destroços dos homens e de suas obras.

A' margem direita, um anjo, elevando-se para o céo, levava comsigo uma fórma humana envolta em niveo sudario; e ao alto, assentado sobre uma nuvem, estava o Padre Eterno rodeado de seraphins e de anjos, dois dos quaes, ajoelhados, O incensavam.

No meio da pagina, vinha o convite redigido, approximadamente, nestes termos:

—«Tendo sido Deus servido de levar para a sua gloria a F....., o qual se ha de sepultar.... ás.... horas, no Cemiterio desta Capital, sahindo o enterro de sua residencia á rua... n....., convid..... V. S. para acompanhar estes restos mortaes até á Cathedral. F. e F.

se confessam desde já agradecidos por este acto de caridade e de religião».

O bandoso Fausto L., do Correio, era quem distribuia estes convites; e, cumprindo esta obrigação, andava legoas.

Ha cincoenta annos passados, os enterros entre nós eram verdadeiras procissões, que se estendiam, algumas vezes, por mais de um dos nossos quartelões.

Abria o prestito uma cruz negra de cuja penna pendia uma *sata*, que era um panno de velludo preto com franjas douradas, affectando a fórma desta peça de vestuario.

As irmandades marchavam em longas filas solemne e silenciosamente. Precedido pelo cura da Sé, vinha o feretro, levado por quatro empregados da Misericordia, vestidos de preto, com cartolas de oleado reluzente, casacas e calças debruadas de amarello.

O caixão repousava sobre duas travessas cujas pontas descansavam sobre largas correias, que os conductores traziam a tiracollo.

Eram estes os *gatos pingados*, pobres homens ridicularisados que, aliás, prestavam um grande e penivel serviço a mortos a vivos, pois não lhes custava pequeno esforço percorrer dois ou mais kilometros em marcha lenta, carregando peso, vestidos como iam e sob um sol de fogo.

Pelo anno de 1880 cobria-se o feretro com um largo panno preto com franjas e cruz douradas ao centro, pendendo de cada canto um cordão com borlas, nos quaes seguravam as pessôas mais chegadas ao morto, assim a modo de quem, realmente, o conduzisse ao *Dormitorio*.

Vestidos de rigoroso lucto, parentes e amigos acompanhavam, descobertos; e se as posses ou a posição social do morto o permittiam, uma banda de musica acompanhava o funeral, o qual, ao approximar-se da Sé, era recebido com signaes *dobrados* ou *singelos*, conforme as circumstancias.

Até a Cathedral todos iam descobertos; mas d'ahi para o Cemiterio, todos se cobriam, porque *já estava encommendado o corpo*.

Era, em verdade, um sacrificio ir um homem da

Matriz ao Cemiterio, vestido de preto, sol das quatro horas pela frente, sobre um pessimo calçamento.

Após este percurso de 1300 metros, que por tantos se estende a rua das Flores, ali se chegava esbaforido; mas de tal caminhada ninguém se queixava, dados os sentimentos que a todos animavam.

Antonio Bezerra dizia que a rua das Flores deveria ter um nome que lembrasse o baptismo e a sepultura ou o *alpha* e o *omega* da vida.

Que nome significativo e eloquente será este?

A sociedade, fria e cruel, exigia das familias enluctadas as mais ruidosas mostras de dôr á sahida dos enterros; e mais de uma vez, nesses momentos angustiosos, espiritos fracos desgovernaram; fizeram exclamações inconvenientes ou deixaram vir a lume segredos de familia.

Já se vai comprehendendo que taes gritarias são mais uma convenção do que a expressão d'um verdadeiro sentir; e é por isto que se tem visto aqui mais de uma familia despedir-se do seu morto, guardando aquelle silencio que *falla*, que *exprime*, melhor que toda palavra, a grandeza e a nobreza da verdadeira dôr.

As visitas de pesames eram uma tortura, especialmente para as viúvas que, em exposição nas suas salas, tinham que repetir, miudamente, aos visitantes, as peripecias da doença e soffrimentos ultimos do seu morto.

Felizmente, este torturante costume, este *sacrificio das viúvas* vai caindo em desuso.

Os alumnos do Seminario, *croinhas*, como lhes chamavam, acompanhavam, formando longas filas, os enterros dos padres; e numerosos soldados, com as espingardas de bocca para baixo, seguiam compassadamente os dos officiaes ou de seus camaradas.

Apesar do apparatus lugubre com que cercavam a Morte, os nossos velhos envolviam com um véo de poesia o trespasse dos que morressem na flor da idade.

Muito ouvimos contar de certa moça, cujo nome não faz ao ponto, que se foi ao Cemiterio vestida de branco e de cabellos soltos, cantar ao violão, sobre a sepultura recente de seu jovem marido, aquella modinha plangente e hoje esquecida — *Nem goivos nem lyrios crescem*.

Hoje em dia, isto causaria não pequeno reparo, porque não é de costume, entre nós, a cantoria nas *visitas de cóva*; mas as idéas e o lyrismo d'aquelle tempo explicavam e permittiam estas expansões da saudade; e havemos de convir que essa moça, repetindo a cantiga predilecta do seu amor e na feliz illusão de que elle tudo escutasse, lhe falava em uma linguagem doce, delicada e poetica, que já hoje mui raros empregam dirigindo-se a seus mortos.

Se a pressa é inimiga da perfeição, ainda mais o é da solemnidade.

Os enterros actuaes, puxados á machina, passando velozes, os convidados vestidos de todas as côres, não infundem aquelle respeito que impunham antigamente.

Tal é a força dos costumes, que hoje não causa o minimo reparo um homem acompanhar um enterro ou assistir uma missa de setimo dia, vestido de qualquer côr; mas ai d'aquelle que não se apresentar de *branco de rigor* ou de *sueking* em um sarau dos nossos clubs elegantes.

Tratamos a Morte com pouca cerimonia e a Dança com o maior respeito...

Não ha muito, assistindo á passagem rapida de um enterro, nos veio á lembrança um facto que G. Wilkinson observou em Alexandria.

Um prestito funebre estacou a marcha solemne em que vinha, porque os conductores do feretro dispararam a correr doidamente pelas ruas, com risco de jogarem o corpo fóra do esquife, pretendendo que corriam mau grado seu, impellidos pela vontade irresistivel do morto, que queria visitar taes e taes mesquitas antes de baixar á sepultura.

Os nossos mortos não têm d'estas extravagancias; nada exigem de nós; pedem-nos apenas, e humildemente, o silencio e a paz. E para que lhes obedecemos e sirvamos, basta simplesmente que os amemos.

Eram festivos e risonhos os enterros de *anginhos* ao tempo em que a Fortaleza não tinha pretensões a *Metropole*.

Os sinos da Sé (os menores) repicavam alegremente, e a familia do *anginho* convidava quantos meninos podessem para acompanhar o sahimento.

Não se encommendavam os *anginhos*. Por que encommendal-os Àquelle que dissera: Deixai vir a mim os pequeninos?

A innocencia d'aquellas aves abria-lhes as portas do reino dos céos.

Emquanto os pequenos convidados esperavam pela hora da sahida, recebiam de agrado toda sorte de guloseimas.

Depois, lá se ia o alegre bando, acompanhado, não raro, por musicos que tocavam, durante o trajecto, polkas, quadrilhas e outras peças alegres.

E era assim que *as mães piedosas deixavam que voassem as andorinhas, em busca das paragens luminosas.*

Felizes velhos aquelles!

Maria, com o seu sorriso divino, presidia ás suas alegrias; e as suas dôres, por fundas que fossem, mitigadas eram pela confiança que tinham nas promessas do Christo.

Mas hoje, a velocidade americana, que os brasileiros timbram em adoptar, apesar do clima quente, vai lentamente estancando estas fontes de alegria e de consolação e substituindo, a primeira, pelos galantes banhos de mar, o cinema livre *et quibusdam aliis*, offerecendo-nos para a fogo de nossas dôres os entorpecentes, o revólver e, por ultimo, o cambio negro...

NOTAS

(1) Estão sepultados, no Rosario, o Major Facundo (1841); o Capitão-Mór Joaquim José Barbosa (1847) e D. Lourença Raquel de Moraes Pereira (1862).

Na Sé, em um mesmo ossuario: o Capitão Manoel Lourenço da Silva e sua mulher, D. Maria do Carmo Sabina, o Tenente João da Rocha Moreira e D. Anna Posthuma de Castro.—A lapide não tem datas.

Ali tambem se acham os restos mortaes de Francisco Leonel de Alencar, fallecido em 1857.

.

(2) O nosso bom amigo Monsenhor Quinderé corrigiu um erro em que havíamos cahido. A Igreja, disse-nos, tem um ritual apropriado ao enterro das crianças. E' o «Modus sepelendi parvulos», sequencia de psalnos alegres, com os quaes a Igreja como que se congratula com o innocente, que alçara o vôo para o céo.

Com os nossos agradecimentos a esse amigo, aqui fica a corrigenda.